

Clinton ataca FMI e pede democracia na área financeira

J. F. Diorio/AE

Ex-presidente americano falou sobre democracia e globalização

FRANCISCO CARLOS DE ASSIS

O atual regime democrático e as instituições internacionais, entre elas o Fundo Monetário Internacional (FMI), foram os principais alvos de críticas do ex-presidente americano Bill Clinton, que fez ontem uma palestra sobre os valores democráticos na cerimônia de inauguração do Instituto Fernando Henrique Cardoso (IFHC). O tema principal foi "Por uma Governança Global Democrática".

Clinton, que falou por cerca de uma hora para um auditório composto por personalidades políticas, empresariais e do sistema financeiro, pediu a redemocratização das instituições internacionais e não poupou críticas ao FMI, onde um país como a Bélgica, segundo ele, tem mais votos hoje do que o Brasil. "Temos que democratizar as instituições internacionais", disse o ex-presidente. Para ele, essas instituições deveriam apoiar os países mais pobres até como forma de levar suas populações, principalmente as que vivem sob regimes de



Clinton respondendo às perguntas: 'Nenhum país tem poder para escapar ao poder da economia'

governos autoritários, a entender os valores da democracia e os benefícios que emanam de uma democracia.

"Como podemos sair pelo mundo fazendo discursos bonitos sobre democracia se as pessoas não recebem no seu dia-a-dia os benefícios das ações de um governo democrático?", in-

dagou Clinton. Para ele, é muito difícil fazer as pessoas da antiga União Soviética, por exemplo, acreditarem que a democracia é um regime melhor que a ditadura sendo que é nesta região hoje que mais morrem pessoas afetadas pela aids.

Clinton acredita que o atual sistema democrático peca por

não atender os anseios das minorias, dos mais pobres, o que atua na mão inversa da universalidade dos direitos humanos, estabelecida com a criação da ONU. Na visão de Clinton, a democracia não pode ser apenas um instrumento capaz de atrair investimentos. Para ele, o mundo atual vive a era de glo-

balização, mas não só financeira e política. "Vivemos em uma era de interdependência global e quando alguém espirra na Ásia, vocês aqui no Brasil tem que adotar a quarentena asiática", disse.

Isto, de acordo com o ex-presidente dos EUA, exige um ajuste do arcabouço democrático, com os países mais ricos devendo assumir a responsabilidade de investir e apoiar programas de saúde e educacionais nos países pobres e que ainda vivem sob regimes de ditadura. "Estaremos salvos quando tivermos educação e saúde para todos.

Não é possível falar de democracia se para cada quatro crianças no mundo uma morre de malária e diarreia por não ter acesso à água limpa", explicou Clinton. Segundo ele, o que se percebe é que as pessoas não enxergam os governos democráticos como um força positiva em suas vidas. "Tanto os benefícios como as obrigações têm de ser compartilhadas. Ninguém é dono da verdade. Temos de trabalhar juntos", disse Clinton, para quem neste aspecto pesa a participação das ONGs como entidades que preenchem as lacunas governamentais.